



Eliezer Ben-Yehuda e o ressurgimento do hebraico

Eliezer Ben-Yehuda and the Revival of Hebrew

Damian Alejandro Dzienciarsky*

Universidade Estadual de Campinas | São Paulo, Brasil

damian@unicamp.br

Resumo: Eliezer Ben-Yehuda é amplamente reconhecido como uma figura chave na revitalização da língua hebraica, um fenômeno único tanto na história do hebraico quanto no estudo da linguística mundial. O legado de Ben-Yehuda foi fundamental para o desenvolvimento do hebraico moderno e sua aceitação como língua oficial no Estado de Israel. A dedicação e os esforços de Ben-Yehuda foram fundamentais para transformar o hebraico de uma língua litúrgica e relíquia histórica para uma língua viva, falada e dinâmica, facilitando a comunicação, a cultura e a educação. Seu legado é evidente hoje, já que o hebraico prospera como uma língua viva, vibrante e em constante evolução. Neste artigo analisarei o aporte de Ben-Yehuda para fortalecer a língua hebraica moderna, trazendo exemplos e explicações que farão os aportes dele mais claros, tentando entender o processo que o levou a fazer este enorme aporte.

Palavras-chave: Hebraico. Linguística histórica. Eliezer Ben-Yehuda.

Abstract: Eliezer Ben-Yehuda is widely recognized as a key figure in the revival of the Hebrew language, a unique phenomenon in both the history of Hebrew and the study of linguistics worldwide. His legacy has been fundamental for the development of modern Hebrew and its acceptance as an official language in the State of Israel. Ben-Yehuda's dedication and efforts were instrumental in transforming Hebrew from a liturgical language and historical relic into a living, spoken, and dynamic language, facilitating communication, culture, and education. His legacy is evident today as Hebrew thrives as a living language, vibrant and continually evolving. In this article, I will analyze Ben-Yehuda's contributions to strengthening modern Hebrew, providing examples and explanations that will clarify his contributions while trying to understand the process that led him to make this immense impact.

Keywords: Hebrew. Historical linguistics. Eliezer Ben-Yehuda.

Introdução

O nome de Eliezer Ben-Yehuda estará sempre ligado a um fenômeno único, não apenas na história da língua hebraica, mas também na história das línguas do mundo em geral: o renascimento da língua hebraica. Com o termo "renascimento", não nos

* Doutor em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica pela Universidade de São Paulo. Professor de hebraico na Universidade Estadual de Campinas.



referimos à ressurreição dos mortos, pois o hebraico nunca foi uma língua totalmente extinta ou sem uso. Quando falamos em “renascimento do hebraico”, queremos dizer a transformação de uma língua que, por cerca de 1.600 anos, não serviu como língua materna nem foi falada de forma cotidiana ou fluente, em uma língua viva e natural. Ben-Yehuda foi o primeiro a pregar o renascimento do hebraico e, além de defender essa ideia, também a colocou em prática, exigiu e viveu de acordo com ela. Além disso, ele promoveu o renascimento da língua dentro de um contexto mais amplo de renascimento geral do povo de Israel em sua pátria histórica, visando uma renovação nacional completa em Sion.

Eliezer Ben-Yehuda (Perlman) nasceu em uma família judaica devota em Luzhki, na região de Vilna, Lituânia, no dia 17 de janeiro de 1858 (21 de Tevet de 5618).¹ Na juventude, tornou-se um maskil² (que apoia o movimento iluminista) e trocou a *yeshivá*³ por um ginásio russo, onde concluiu seus estudos em 1877. Nesse mesmo ano, a Rússia declarou guerra ao Império Otomano com o objetivo de ajudar os búlgaros, seus “irmãos menores”, a se libertarem do domínio turco. Ben-Yehuda ficou entusiasmado com as ideias de restituição dos direitos dos búlgaros e do renascimento da nação búlgara em sua terra, acompanhando a guerra com grande interesse.

No século XIX, diversos povos da Europa lutaram por sua soberania, conseguindo-a caso se encaixassem na definição europeia de nacionalidade, ou seja, uma população era considerada uma nação se possuísse sua própria terra e sua própria língua. Ben-Yehuda foi profundamente influenciado por essas lutas e chegou à conclusão de que o conceito de nacionalismo europeu também deveria ser aplicado ao seu próprio povo, o povo judeu. Embora, na terra dos judeus, a Terra de Israel, a população judaica fosse então escassa e a língua hebraica fosse escrita, mas não falada, Ben-Yehuda acreditava que os obstáculos poderiam ser superados. Os judeus deveriam retornar à sua terra e começar a falar sua língua.

Imbuído dessas ideias, Ben-Yehuda decidiu emigrar para a Terra de Israel. Ele deixou a Rússia em 1878 e, primeiramente, viajou para Paris para estudar medicina, com a intenção de ajudar seu povo em Sião. No entanto, adoeceu de tuberculose e foi forçado a interromper seus estudos, mas não desistiu de seu plano de imigrar. No ano de 1881, entre Rosh Hashaná e Yom Kipur, Ben-Yehuda chegou à Terra de Israel trazendo consigo um plano para concretizar suas ideias.

Já durante seus anos em Paris, dedicou-se à questão do renascimento nacional e publicou uma série de artigos em jornais hebraicos (principalmente em *HaShachar* e *HaHavatzelet*) sobre a revitalização do povo judeu, de sua terra e de sua língua. O artigo

¹ Refere-se à data do calendário judaico (כ"א בטבת תרי"ח).

² Que apoia o movimento iluminista (מַשְׁכִּיל).

³ Centro de estudos da Bíblia e do Talmud.



Uma questão significativa, originalmente intitulado “*Uma questão urgente*”, publicado em *HaShachar* em 1879, é considerado um precursor do movimento *Hibbat Zion*⁴ como um todo, pois continha todos os fundamentos da nova visão nacionalista que surgiu na década de 1880 – incluindo política, assentamento na terra, revitalização do hebraico falado e renascimento da literatura hebraica.

Ben-Yehuda estabeleceu-se em Jerusalém, onde vivia a maioria dos judeus que estavam na Terra de Israel na época, vindos de diversas comunidades, pois acreditava que a cidade serviria como um centro para o renascimento nacional, de onde suas ideias se espalhariam para toda a terra e a diáspora. Ele atuou de várias maneiras, sendo as principais:

O exemplo pessoal

Antes mesmo de chegar à Terra de Israel, Ben-Yehuda decidiu que ele próprio serviria como exemplo vivo de suas ideias e falaria exclusivamente em hebraico com qualquer judeu que encontrasse. Ele também exigiu o mesmo de sua esposa e de sua família.

Aqui está um dos muitos relatos que ilustram as dificuldades enfrentadas por Ben-Yehuda ao estabelecer uma família falante de hebraico e sua determinação inabalável nessa missão. Quando nasceu, em 1882, “o primeiro menino hebreu”, Ben-Tzion Ben-Yehuda (que anos depois mudou seu nome para Itamar Ben-Avi)⁵ seu pai não permitiu que ele brincasse com outras crianças, pois elas não sabiam hebraico e poderiam prejudicar seu domínio da língua. Como resultado, o menino cresceu praticamente isolado em casa e teve pouquíssimo contato com outras pessoas. Talvez por isso tenha demorado a falar – mesmo aos quatro anos, ainda não pronunciava uma única palavra. Alguns previram que ele seria mudo e que, com isso, toda a ideia do renascimento da língua fracassaria.

A mãe de Ben-Tzion, Deborah, não conseguia suportar a exigência de seu marido de falar apenas hebraico com o filho. Certo dia, quando Ben-Yehuda saiu de casa para viajar a Jafa, ela cantou canções de ninar para o menino em sua língua materna, o russo. No entanto, por acaso, Ben-Yehuda foi forçado a voltar para casa, pois as estradas estavam bloqueadas. Ainda do lado de fora, ele ouviu o russo sendo falado. Furioso com a esposa, entrou em casa e, tomado pela ira, despedaçou a mesa da sala.

Itamar Ben-Avi relata esse episódio em sua autobiografia:

⁴ Movimento que uniu diferentes associações nacionais judaicas estabelecidas na Rússia e, posteriormente, em outras áreas da Europa, com o anseio de retornar a Sião, à Terra de Israel.

⁵ A palavra “*ben*” que significa filho e “*Avi*” que é a sigla do nome do seu pai (Eliezer Ben-Yehuda).



No grande choque que me atingiu ao ver meu pai enfurecido e minha mãe aflita e chorando, o silêncio foi arrancado dos meus lábios e as palavras finalmente vieram à minha boca.⁶

Assim, apesar das enormes dificuldades, do desconforto e da falta de naturalidade ao falar uma língua que ainda carecia de muitas palavras e expressões, a família Ben-Yehuda colocou em prática a ideia do renascimento da língua e se tornou a primeira “família hebraica”, cujos filhos foram os primeiros “meninos hebreus” desde a destruição do Segundo Templo (ano 70 d.C.).

De fato, Ben-Yehuda e sua família provaram a todos os céticos que a revitalização do hebraico era possível. Com isso, ele se tornou um símbolo – e até mesmo uma lenda – do renascimento da língua hebraica para todo o povo judeu, em Israel ou aonde quer que fosse.

A confiança nas crianças e na juventude

Ben-Yehuda compreendia que, no fim das contas, o futuro do renascimento da língua dependia das “bocas dos lactentes e das crianças”. Por isso, insistia que em todo lar judeu o hebraico fosse o idioma falado, assim como acontecia em sua própria casa. Além disso, exigia que todas as instituições de ensino judaicas ministrassem todas as disciplinas – tanto as religiosas quanto as seculares – em hebraico, desde o jardim de infância.

O próprio Ben-Yehuda ensinou por um tempo no colégio da organização *Kol Israel Haverim*⁷ em Jerusalém e demonstrou que era viável usar exclusivamente o hebraico como língua de ensino – método que mais tarde ficou conhecido como “hebraico em hebraico”.⁸ Seu sucesso teve um grande impacto no mundo judaico, tanto na Terra de Israel quanto na diáspora.

No entanto, o ensino em hebraico enfrentava enormes desafios: os professores não eram devidamente qualificados, não havia livros didáticos nem materiais auxiliares (como músicas, jogos) em hebraico, e tampouco existia uma terminologia pedagógica consolidada. No início, os professores eram praticamente mudos, pois careciam de

⁶ Trecho extraído da autobiografia de Itamar Ben-Avi, *Com o amanhecer de nossa Independência*, 1961, p. 18.

⁷ Organização judaica que trabalha para promover uma sociedade judaica ética e igualitária.

⁸ “Hebraico em Hebraico” é um método de ensino do hebraico cujos princípios são: aprendizado natural, parecido à maneira como se aprende a língua materna; envolvimento de todos os sentidos; ensino por meio da indução – do particular ao geral, levando em conta a relação próxima da criança com o ambiente natural; integração de canções e jogos.



vocabulário adequado. Com o tempo, porém, livros estrangeiros foram traduzidos para o hebraico e adaptados à realidade local, novos termos foram criados e uma rede de educação hebraica foi estabelecida.

Não seria exagero dizer que a introdução do hebraico nas escolas, através dos professores hebraicos, e a formação de uma geração jovem falante da língua foram os maiores garantidores do sucesso do renascimento do hebraico.

Apoio aos adultos

Ben-Yehuda também exigia que os adultos participassem do renascimento da língua e falassem hebraico como ele. Para ajudá-los nos estágios iniciais da aprendizagem, ele fundou grupos de conversação em hebraico. Esses grupos se reuniam com frequência e praticavam a língua em diálogos. Essas iniciativas serviram de exemplo para grupos semelhantes que mais tarde surgiram também na diáspora, contribuindo para o avanço do renascimento do hebraico.

Para divulgar suas ideias e influenciar a opinião pública, Ben-Yehuda fundou um jornal em hebraico, que começou como um semanário e mais tarde se tornou um diário. O jornal teve diversos nomes ao longo do tempo, incluindo *HaTzvi*, *HaHashkafá* e *HaOr*. Ele estruturou a publicação seguindo o modelo da imprensa europeia, combinando temas gerais e universais com assuntos específicos do judaísmo e da Terra de Israel. Seu objetivo era dirigir-se a um público que vivia em sua terra, falava sua língua e se interessava por todos os temas relevantes da época.

Como os jornais eram amplamente lidos com entusiasmo naquele período, o jornal de Ben-Yehuda teve um papel fundamental na disseminação de suas ideias sobre o renascimento do hebraico.

“Palavras, palavras”

Ben-Yehuda acreditava que poderia reviver o hebraico envolvendo toda a sociedade, desde as crianças pequenas, além de servir como exemplo pessoal. No entanto, logo percebeu as limitações da língua, especialmente a escassez de vocabulário, e entendeu que essa deficiência poderia comprometer o sucesso do renascimento linguístico já em suas fases iniciais. Ele já havia sentido essa dificuldade no exterior, quando tentou falar hebraico, e por isso começou a buscar palavras nas fontes clássicas e a criar termos quando necessário.

Ao chegar à Terra de Israel, esse processo se intensificou. Para mapear o que já existia e o que ainda faltava no hebraico, Ben-Yehuda começou a elaborar listas de palavras e seus significados. Com o tempo, essas listas se tornaram a base de seu famoso



Dicionário da língua hebraica antiga e nova,⁹ uma obra monumental em 16 volumes, considerada um marco na lexicografia hebraica.

Além disso, em 1890, Ben-Yehuda fundou um comitê de especialistas em hebraico para auxiliá-lo na busca e criação de novos vocábulos. Esse comitê, conhecido como *Vaad HaLashon* (*Conselho da língua*), foi o precursor da atual *Academia da Língua Hebraica*.

Seus neologismos foram amplamente aceitos porque eram essenciais para a revitalização do hebraico no uso cotidiano. A importância dessas inovações não estava apenas no acréscimo de palavras que permitiam o desenvolvimento da língua, mas também no fato de que Ben-Yehuda demonstrou, pela primeira vez desde a Idade Média, que era possível expandir e estruturar o hebraico de maneira planejada para atender às novas necessidades da sociedade.

Os métodos de Ben-Yehuda para a criação de palavras

Ben-Yehuda baseou seus neologismos principalmente na estrutura interna da língua hebraica, utilizando raízes existentes e inserindo-as nos padrões morfológicos típicos do idioma. Por exemplo:

- A partir de raízes bíblicas, criou palavras como:
 - מִדְרָחָה (midrakhá) – calçada
 - מִקְלָפָה (makhlavá) – laticínio
 - מִשְׁתָּרָה (mishtará) – polícia
 - מִשְׁקָפָה (mishkéfet) – binóculo
- A partir de raízes do hebraico rabínico (talmúdico), criou termos como:
 - מַגְהֵט (maghets) – ferro de passar
 - מִמְקַהְתָּה (mimkhatá) – lenço
 - מִלְקָהָת (miklakhat) – chuveiro
 - פְּלִשָּׁת (plishá) – invasão

Além disso, Ben-Yehuda atribuiu significados modernos a palavras bíblicas preexistentes. Por exemplo:

- אֶקְדָּקָה (ekdakh) – que no hebraico bíblico significava “pedra preciosa”, passou a significar “revólver”. Isaías 54, 12 (יב, יב) ישׁעִיהוּ נָחָת.

⁹Este dicionário, mais conhecido como o dicionário de Ben-Yehuda, é considerado a maior obra dele, além de ser a responsável pela revitalização da língua hebraica. O dicionário foi publicado gradualmente entre 1908 e 1959.



- **מִנְיָה (menayot)** – que no livro de Neemias significava “parte” ou “porção”, passou a significar “ações” (financeiras). Neemias 12, 47 (מִן-מִיָּה יְבָמָה).
- **קִידְמָה (kidmá)** – que originalmente significava “lado leste”, passou a ter o significado de “progresso”.Êxodo 2, 14 (בְּרִאשׁוֹת בְּרִידָה).

Quando não encontrava o que precisava no hebraico, Ben-Yehuda recorria ao aramaico, língua próxima do hebraico e amplamente utilizada na tradição judaica. A partir de raízes aramaicas, ele criou palavras como:

- **אֲדִישׁ (adish)** – indiferente, da raiz aramaica **שַׁׁאַשׁ (adash)** – silenciar.
- **גָּמִישׁ (gamish)** – flexível, da raiz aramaica **שַׁׁמַּשׁ (gamash)** – dobrar.
- **דָּיָל (dayal)** – comissário de bordo, baseado no termo aramaico **דָּיָלָה (dayalá)**, derivado do grego *δούλος (doulos)* – servo.

Quando nem o aramaico fornecia soluções adequadas, Ben-Yehuda recorria ao árabe, por várias razões:

- a. O árabe é a língua semítica com o vocabulário mais rico.
- b. Sempre foi uma língua falada, ao contrário do hebraico, que por séculos foi apenas escrito.
- c. Era o idioma falado na Terra de Israel.
- d. Durante a Idade Média, o árabe já havia influenciado e enriquecido o hebraico, especialmente durante a *Era de Ouro* dos judeus na Espanha.

Com base em raízes árabes, Ben-Yehuda cunhou termos como:

- **הַגָּר (higuer)** – imigrou, do árabe **هَاجَر (hájara)** – abandonar.
- **לְטַפֵּח (litef)** – acariciou, do árabe **لَطَّافَ (latufá)** – ser gentil.
- **מַרְאָנָה (timrún)** – manobra, do árabe **تَمْرِين (tamrin)**, derivado de **مَارَنَ (márana)** – praticar.

Ele também adaptou palavras árabes diretamente ao hebraico:

- **אֲדִיב (adiv)** – culto (do árabe **أَدِيب (adib)**).
- **רְצִינִי (retsini)** – sério (do árabe **رَصِين (rasin)**).
- **תַּהְרִימִים (tahrim)** – boicote (do árabe **تَحْرِيم (tahrím)**).

Ben-Yehuda também criou palavras hebraicas que eram muito semelhantes às suas equivalentes árabes, pois eram derivadas da mesma raiz semítica e seguiam padrões morfológicos próximos. Exemplos incluem:

- **מִדְרָשָׁה (midrashá)** – seminário, do árabe **مَدْرَسَة (madrasa)** – escola.



- מִכְתָּבָה (*mikhtavá*) – escritório, do árabe مكتبة (*maktaba*) – biblioteca.
- מִשְׁתָּלָה (*mishtalá*) – viveiro de plantas, do árabe مشتل (*mashtal*) – estufa.
- רִשְׁמִי (*rishmi*) – oficial, do árabe رسمي (*rasmi*).

Além disso, Ben-Yehuda não apenas incorporou raízes árabes ao hebraico, mas também adotou o sufixo árabe *-iyya* (-ي), que servia para formar substantivos abstratos e coletivos. Exemplos incluem:

- מִטְרִיאָה (*mitriyá*) – guarda-chuva.
- נַגְרִיאָה (*nagariyá*) – marcenaria.
- עִירִיאָה (*iriyá*) – prefeitura.

Outra técnica que ele utilizou foi a *tradução de empréstimos*, ou seja, a adaptação de conceitos estrangeiros para a estrutura do hebraico. Por exemplo:

- עִירִיאָה (*iriyá*) – prefeitura, vem da tradução do termo árabe بلدية (*baladiya*), derivado de بلاد (*balad*) – cidade.
- מִכְלָלָה (*mikhhalá*) – faculdade, baseada no árabe كلية (*kulliyya*), derivado de كل (*kul*) – totalidade.

Ben-Yehuda também propôs outras estratégias para expandir o vocabulário hebraico, algumas das quais não foram aceitas. Entre elas estavam:

1. Adotar todas as raízes árabes como se fossem hebraicas.
2. Criar raízes hebraicas "do zero", combinando arbitrariamente três consoantes (por exemplo, אַבָּג, בַּגָּא, אַבָּגָא).

Para garantir que o hebraico moderno mantivesse sua essência semítica, Ben-Yehuda seguiu os padrões tradicionais da língua ao criar novas palavras. Ele utilizou estruturas morfológicas típicas do hebraico¹⁰, como:

- מִפְעָלָה (*mif'alá*): para lugares e instituições
 - מִדְרָחָה (*midrakhá*) – calçada
 - מִדְרָשָׁה (*midrashá*) – seminário
 - מִסְּדָּה (*mis'adá*) – restaurante

¹⁰ *Mishkal* (משקל) e *binyan* (בניין) são termos hebraicos usados na terminologia gramatical para designar padrões de derivação de substantivos e verbos, respectivamente. Nos estudos tradicionais de morfologia semítica, tanto *binyan* quanto *mishkal* são considerados como unidades compostas por consoantes afixais, vogais e espaços para as consoantes da raiz.



- **פְּעִילָה** (*pe'ilá*): para ações e estados
 - **גָּלִידָה** (*glidá*) – sorvete
 - **הַגִּירָה** (*hagirá*) – imigração
 - **חַבִּיתָה** (*khavitá*) – omelete
 - **פְּלִישָׁה** (*plishá*) – invasão
 - **קְצִיצָה** (*ktsitsá*) – almôndega
- **פְּעָלָה** (*pa'elet*): para profissões e doenças
 - **אֲדָמֶת** (*ademet*) – rubéola
 - **גָּנְנֵת** (*ganenet*) – professora de jardim de infância
 - **נוֹזֶלֶת** (*nazelet*) – coriza
 - **חָזֶרֶת** (*khazeret*) – caxumba
- **פְּעָלֵל / פְּלָפֶל** (*pi'el / pilpel*): para verbos e ações repetitivas
 - **לִטְפֹּה** (*litef*) – acariciou
 - **דִּפְדַּף** (*difdef*) – folheou

Dessa forma, ele garantiu que as novas palavras fossem construídas de maneira autêntica, mantendo a estrutura original do hebraico.

Resistência à influência estrangeira

Ben-Yehuda se esforçou para evitar a influência excessiva de idiomas europeus no hebraico moderno. Antes dele, durante o período da *Haskalá* (Iluminismo judaico), novas palavras eram frequentemente criadas por meio de combinações de palavras, um método comum em línguas europeias, mas menos adequado à estrutura das línguas semíticas. Por isso, muitos dos termos criados por Ben-Yehuda substituíram essas combinações anteriores:

- **יִתּוֹן** (*iton*) – jornal, em vez (*mikhtav 'ati-* carta periódica), seguindo o modelo alemão *Zeitschrift*.
- **מִילּוֹן** (*milon*) – dicionário, em vez de **סֵפֶר מִלִּים** (*sefer milim-* livro de palavras), baseado no alemão *Wörterbuch*.
- **עִירִיָּה** (*iriyá*) – prefeitura, em vez de **בֵּית מּוֹעֵצָה הָעִיר** (*beit mo'etset ha'ir-* casa de conselho da cidade), como o alemão *Rathaus*.

No entanto, ele próprio acabou criando algumas palavras compostas, que não foram aceitas na língua. Apenas as palavras que fundiam dois termos em um único vocabulário foram bem recebidas. Exemplos incluem:



- *חַיָּדָךְ* (*chaidák*) – bactéria (*de חַי – “vivo” + דָךְ – “pequeno”*).
- *רֵינוֹאָה* (*re'inoa*) – cinema (*de רֵין + אָה – “ver” + “movimento”*).¹¹

Influência europeia nos neologismos de Ben-Yehuda

Embora ele tentasse evitar influências estrangeiras, algumas palavras que criou claramente refletem o impacto de línguas europeias, especialmente pelo uso da tradução fonética (*calque*). Por exemplo:

- *אֲוִירָן* (*aviron*) – avião (*do francês avion*).
- *סָבּוֹן* (*sabón*) – sabão (*do francês savon*).
- *בּוּבָּה* (*bubá*) – boneca (*do francês poupee ou do alemão* Puppe*).

Conclusão

Ben-Yehuda estabeleceu-se em Jerusalém, pois acreditava que ali deveria ser o centro do renascimento do hebraico. No entanto, apenas uma pequena parte da população da cidade apoia suas ideias – a maioria era contra ou indiferente. Algumas comunidades chegaram a impor um *cherem* (banimento religioso) sobre ele e sua família, e houve aqueles que o denunciaram às autoridades otomanas por traição, devido ao seu nacionalismo. Ele chegou a ser preso na cadeia turca em Jerusalém.

Porém, um evento fortaleceu seu movimento: em 1881 (ב'תרמ"א), mesmo ano em que ele chegou à Terra de Israel, começaram as primeiras grandes ondas de imigração judaica (*Aliyot*), vindas principalmente do Leste Europeu. Muitos dos imigrantes eram jovens idealistas, de formação cultural semelhante à de Ben-Yehuda, e estavam dispostos a adotar o hebraico como língua cotidiana. Eles ensinaram hebraico a seus filhos, levaram o idioma aos jardins de infância, escolas e assentamentos agrícolas, especialmente em Tel Aviv e nos *kibutzim*.

Em apenas uma geração (1881-1921), formou-se um grupo de jovens fluentes no hebraico moderno, que viam o idioma como um símbolo da identidade nacional judaica. O reconhecimento definitivo veio em 29 de novembro de 1922, quando o Mandato Britânico oficializou o hebraico como língua do *Yishuv* (a comunidade judaica na Palestina). Um mês depois, Ben-Yehuda faleceu, aos 64 anos, vítima de tuberculose, vendo seu sonho realizado.

Ele não reviveu o hebraico, pois nunca foi uma língua morta, mas, depois dele, os judeus realmente passaram a falar hebraico. Ele foi o visionário, o estrategista e o propagandista da revitalização da língua hebraica. Como ele mesmo escreveu: “Em

¹¹ Hoje substituído por *עִנוּלִיקָה* – kolnoa (*de עִנוּ – “voz” + לִיקָה – “movimento”*).



todo avanço, sempre há um *Nachshon*¹² que se lança ao mar sem possibilidade de retorno". Esse *Nachshon* foi Eliezer Ben-Yehuda.

Referências

BAR ADON, Aron. As mães e sua contribuição no renascimento e consolidação do hebraico (1882-1914). *Lashon veIvrit*, n. 3, Jerusalém: Editorial Nimá, p. 5-25, 1990 [Em hebraico].

DZIENCIARSKY, Damian. A discriminação sociolinguística dos judeus magrebinos, *Arquivo Maaravi*. Belo Horizonte, v. 13 n. 25, 2019, Disponível em: <https://doi.org/10.17851/1982-3053.13.25.199-212>. Acesso em: 24 mar. 2025.

DZIENCIARSKY, Damian. El resurgimiento de la lengua Hebrea: el verdadero aporte de Eliezer Ben-Yehuda. *Cuadernos Judaicos*, Chile, n 37, 2019. Disponível em: <https://revistas.uchile.cl/index.php/CJ/article/view/60588/64047>. Acesso em: 24 mar. 2025.

ELLMAN, J. Eliezer Ben-Yehuda e o renascimento da língua hebraica. *Leshonenu*, Jerusalém: Editora da Academia da Língua Hebraica, v. 40, p. 215–221, 1990. [Em hebraico].

KARMI, Shlomo. *ONE People ONE Language: The revival of the Hebrew language en an interdisciplinary perspective*. Tel Aviv: Editorial do Ministério de Segurança, 1997. [Em hebraico].

MIRKIN, Reuven. Capítulos sobre a história dos dicionários de hebraico moderno - o dicionário de Ben-Yehuda. *Leshonenu LaAm*, n. 54, Jerusalém: Editora da Academia da Língua Hebraica, p. 311-323, 1989. [Em hebraico].

MISHOR, Mordechai. Renascimento da língua hebraica. ¿Acaso um milagre? *Leshonenu*. Compêndio do ano do hebraico, Jerusalém: Editora da Academia da Língua Hebraica, v. 40, p. 208-214, 1990. [Em hebraico].

MUÑOZ SOLLA, Ricardo. Aspectos sociolinguísticos en la revitalización del hebreo moderno. *Interlingüística*, n. 9, Espanha; Editorial Asociación de Jóvenes Lingüistas, pp. 225-230, 1998

RABIN, Chaim. *O renascimento da língua hebraica*. Jerusalém: Editorial Haasbará, 1989. [Em hebraico].

¹² Quando Moises abriu o Mar Vermelho, os hebreus tinham medo de entrar nele. *Nachshon* foi quem entrou primeiro no mar, os hebreus o seguiram e foram salvos. Hoje, falar que alguém é *Nachshon* é sinônimo de pioneiro.



SIVAN, Reuven. Innovação lexical de Ben-Yehuda segundo seu dicionário. *Leshonenu LaAm*, Jerusalém: Editora da Academia da Língua Hebraica, n.12, p 114-115, 1990. [Em hebraico].

Enviado em: 10/09/2025

Aprovado em: 30/10/2025